

Leila Maria, uma voz especial, em novo show

PÁGINA 3



Jô Santana, um homem devotado ao teatro

PÁGINA 6



Sanduíches com os incríveis sabores que vêm do mar

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Certa manhã gravei um álbum e tanto

Otto retorna ao Rio com show da turnê de 15 anos de um de seus discos mais emblemáticos

Por Affonso Nunes

Após rodar o país celebrando os 15 anos do antológico álbum “Certa Manhã Acordei de Sonhos Intranquilos”, Otto está de volta ao Circo Voador para a despedida carioca da turnê. Em 2009, o multifacetado artista pernambucano lançava uma obra-prima. As dores de um período pessoal turbulento marcado pelo término do casamento com a atriz Alessandra Negrini, o rompimento com empresários e a gravadora Trama, além da morte de sua mãe, foram canalizadas num disco visceral.

“Cada busca minha, um dia eu estava pensando, tem um porquê. Nunca é solto, sabe. Foi um momento bem forte, porque eu perdi mãe, me separei... É um disco que mexeu muito com as pessoas, mexe muito. Como o amor pega, né?”, disse Otto em entrevista ao portal Noize.

O título do quarto trabalho de estúdio do músico foi inspirado na primeira frase do clássico literário de Kafka, “A Metamorfose”,



Em paz consigo mesmo, Otto resgata o repertório de um de seus álbuns mais representativos e concebido durante período turbulento

Divulgação



Divulgação

em que um homem desperta na condição de uma barata. O disco carimbou passaporte com inúmeras citações como um dos melhores álbuns daquele ano.

Com um lirismo visceral, o disco converteu em poesia os lamentos de dor e desabafos pessoais do artista. Algumas canções deste álbum potente tornaram-se obrigatórias em quaisquer apresentações do músico como “Crua”, “Janaína”, “6 Minutos” e “Filha”. Não limitando o setlist às faixas deste trabalho, Otto vai passear por 30 anos de uma obra respeitável.

O pianista Jefferson Placido abre a noite, mostrando sua sonoridade única que mistura jazz, samba, soul e funk carioca. Criativo, Placido chamou atenção com “Música Clássica do Subúrbio”, seu primeiro álbum lançado em 2022, onde mostra que o Jazz, muitas vezes associado à uma música elitista, na verdade, é uma música livre e altamente democrática.

Antes e depois dos shows, o DJ Digital Mandinga apresenta set conectando grooves eletrônicos e música regional brasileira.

SERVIÇO

OTTO | 15 ANOS DE CERTA MANHÃ ACORDEI DE SONHOS INTRANQUILOS
17/1, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Leila Maria sempre divando

Acompanhada de trio, cantora apresenta o show 'Like a Lover' com repertório tão eclético quanto sua voz



Divulgação

Leila Maria interpreta de Cole Porter a Zé Kéti, além de canções autorais

Por Affonso Nunes

Dona de rico fraseado e divisão melódica personalíssima, Leila Maria é uma intérprete especial que transita por todos os gêneros musicais com carisma e personalidade. A cantora (e compositora) é a atração do Teatro Rival Petrobras nesta sexta-feira (17) com o show "Like a Lover", em que se apresenta ao lado do Novo Trio, formado por Antonio Fischer-Band (piano), Paulo Emmery (baixo) e Michel Nascimento (bateria) e participação especial da cantora Tontom.

Com mais de 30 anos de carreira sólida e seis álbuns lançados, Leila Maria venceu o 25º Prêmio da Música Brasileira na categoria Melhor Álbum em Língua Estrangeira com o CD "Holiday in Rio: Leila Maria Canta Billie"; cantou em grandes cidades do mundo, como Nova York, Paris e Tóquio; e ficou nacionalmente

conhecida ao chegar à final do programa The Voice Mais da TV Globo, em 2021. Chega a ser perverso que seu enorme talento tenha passado despercebido do grande público até então.

Neste show, ela brilha em arranjos arrojados e uma nova visão para sucessos de Cole Porter, Monsueto, Bee Gees, Quincy Jones, Milton Nascimento, além de canções autorais. A diva mostra que pode passear por um repertório variado imprimindo sua marca em sucessos como "Stayin' Alive" (Barry, Robin e Maurice Gibb), "Dindi" (Tom Jobim e Aloysio de Oliveira), "Summertime" (George e Ira Gershwin) e "A voz do morro" (Zé Ketti).

SERVIÇO

LEILA MARIA & NOVO TRIO - LIKE A LOVER
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 17/1, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 50

Por do sol com a Orquestra Imperial

Big band abre neste domingo o projeto Manouche no Jardim

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Manouche, aquela casa aconchegante, no subsolo do restaurante Camolese, sempre apresenta projetos incríveis. E neste domingo estreia o projeto Manouche no Jardim, que leva as atrações do palco vermelho com cara de cabaré à área livre do jardim do restaurante Camolese às 18h, tendo como cenário o pleno pôr do sol do Jockey Club.

E o convidado de abertura é a Orquestra Imperial, a big band mais animada do país e queridinha

dos cariocas. Desde 2002, o grupo é pólo aglutinador de vários e excelentes músicos em suas mais diversas formações que já tiveram Wilson das Neves, Seu Jorge, Moreno Velloso e Rodrigo Amarante, o guitarrista e vocalista do Los Hermanos.

Em seus consagrados bailes apresentados em shows, festivais e eventos pelo Brasil e pelo mundo, a Imperial traz um repertório especial. Neste show, chega repleto de suíngue, latinidades, boleros e chá-chá-chás, com sucessos como "Nasci para Bailar", "Conselho", "Enquanto A Gente Namora", "Artista é o K",



Divulgação

Os atuais vocalistas da Orquestra Imperial

"Devagar com a Louça", "Obsessão", "Beija Me", entre outras canções próprias e pérolas brasileiras.

Ao longo da carreira, a Orquestra Imperial já lançou três álbuns, se apresentou na Europa, Estados Unidos e América Latina, e recebeu diversos prêmios, como Bravo! Prê-

mio da Música Brasileira e da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Com Moreno Velloso, Nina Becker, Thalma de Freitas, Rubinho Jacobina, Emanuelle Araújo e Matheus VK se alternando nos vocais, a Imperial traz uma experiência única. A Big Band reúne um dream

team de músicos que se revezam, do quilate de Berna Ceppas (teclados e efeitos), Kassin (baixo), Pedro Sá (guitarra), Felipe Pinaud (arranjos, guitarra e flauta), Rubinho Jacobina (piano e vocais), Marcelo Callado e Domenico Lancellotti (bateria), Marlon Sette, Bidu Cordeiro e Mauro Zacharias (trombone), Vander Nascimento e Diogo Gomes (trompete), Zé Maria e Gilberto Pereira (sax), Leo Monteiro (percussão eletrônica), Leo Reis e Zero Awá (percussão), entre outros.

SERVIÇO

ORQUESTRA IMPERIAL
Jardim da Camolesse (Rua Jardim Botânico, 983) 19/1, às 18h | Ingressos: R\$ 130 e R\$ 65 (meia e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro, a ser doado para o Retiro dos Artistas)

Evento gratuito tem edição itinerante a partir deste fim de semana

Primero evento na América Latina dedicado à arte e música com foco em gênero e diversidade, o Festival Corpos Visíveis promove sua quarta edição. Totalmente gratuito, o festival se realiza nesta sexta e sábado (17 e 18) e nos dias 1, 7, 8 e 22 de fevereiro, em diversos pontos do Rio, incluindo o centro cultural Futuros - Arte e Tecnologia, Museu de Arte do Rio (MAR), Bela Maré, Centro de Artes da Maré, Piscinão de Ramos e o Instituto Arteiros, na Cidade de Deus.

O festival conta com uma programação repleta de oficinas, apresentações musicais, performances e exposições espalhadas por diversos pontos da cidade. Entre os destaques, estão artistas conhecidas do público como Cátia de França e N.I.N.A, além de novos talentos como Luana Flores e Siba Puri. Com o intuito de integrar as diferentes formas de arte, o evento também incluirá atividades como live painting, oficinas de ervas medicinais com a Pajé Tapaxi Guajajara e workshops sobre gestão sustentável de eventos culturais, com Lorena Froz, além de muita sustentabilidade e inovação em toda a estrutura do evento.

Desde o seu início, em 2018, o Corpos Visíveis promove oportunidades e debates essenciais sobre gênero, diversidade, raça, sustentabilidade e o mercado criativo. Com a proposta de oferecer espaços de protagonismo, visibilidade e gerar renda e educação para mulheres e a população LGBTQIAPN+, o festival ganha sua primeira versão itinerante com mais de um mês de programação gratuita.

Nesta edição de verão, o Festival dá ênfase também à preservação ambiental e ao fortalecimento de vínculos entre a arte, a sustenta-



Divulgação

Grupo Baque Mulher



Divulgação

Bloco Agytoê

Visibilidade para os corpos



Divulgação

N.I.N.A.



Divulgação

Siba Puri



Murilo Alvesso/Divulgação

Catia de França



Blinia/Divulgação

Azula

bilidade e a diversidade brasileira. Mulheres indígenas e negras, em especial, tem papel de destaque ao protagonizarem palcos e debates sobre os desafios e as soluções para o racismo ambiental e a crise climática. A proposta é mergulhar em uma imersão de arte, cultura e reflexões sobre os impactos das mudanças climáticas considerando o contexto das populações periféricas e marginalizadas.

“Queremos provocar um movimento de visibilidade e empoderamento para as mulheres e as

populações LGBTQIAPN+ por meio da arte, da música e da cultura. O Corpos Visíveis é mais que um festival, é um espaço para amplificar as vozes que muitas vezes são silenciadas. Nosso compromisso para garantir que isso aconteça é mais forte a cada edição, sendo um festival totalmente realizado e protagonizado por mulheres e LGBTQIAPN+”, afirmou Karina de Abreu, produtora cultural, co-idealizadora do Festival Corpos Visíveis e cofundadora da ColetivA Delas.

A 4ª edição também marca a parceria com a 7ª edição da Mostra Cine Diversidade, evento que exhibe curtas-metragens independentes latino-americanos com temas voltados à diversidade de gênero e sexualidade. Esse ano, a mostra vem com 50 filmes selecionados para abordar temas como a interseção entre diversidade sexual, étnico-racial e questões ambientais.

“O Corpos Visíveis é mais do que um festival, é uma plataforma de visibilidade e oportunidades

para as populações historicamente vulnerabilizadas e uma maneira de empoderar essas vozes para que elas possam ocupar os espaços de protagonismo”, reforça a organizadora Karina de Abreu.

SERVIÇO

4º FESTIVAL CORPOS VISÍVEIS

De 17/1 a 22/2

Programação completa:

<https://encr.pw/UT9EH>

Gratuito, com retirada de

ingressos no link <https://11nk.dev/xtvoV>

Dez anos de história para celebrar

Selo QTV comemora aniversário com show neste domingo no Circo Voador

O selo carioca e coletivo criativo QTV celebra sua primeira década de história com um evento especial no Circo Voador neste domingo (19), que vai reunir no palco Juçara Marçal, Negro Leo, Caxtrinho e Crizin da Z.O. O QTV tem a música como elemento central para promover articulações com diferentes áreas de experimentação artística.

“Para nós é importante ter um controle mais próximo dos projetos que lançamos, com uma identida-

de sonora, visual e de ideias. Cada lançamento é discutido por nós, somos sete integrantes, seja por votação ou pela criação de um projeto desde o início”, comenta Mariana Mansur, uma das idealizadoras do selo que nasceu em 2014 como um desdobramento do programa de shows Quintavant.

Dez anos depois e com mais de 60 discos no catálogo, a celebração no Circo Voador marca o lançamento de um livro comemorativo que será distribuído gratuitamente para os primeiros 250 espectadores.

Pablo Saborido/Divulgação



Juçara Marçal é uma das atrações da noite

No palco, Juçara Marçal apresenta “DEBRMX”, Negro Leo traz pela primeira vez o disco “Rela” ao palco; Caxtrinho exhibe as faixas de seu álbum de estreia elogiado “Queda Livre”, com as participações de tori e Ilessi, e Crizin da Z.O. apresenta “Acelero”, destaque nas listas de melhores lançamentos de 2024. Entre os shows, assumem os DJs Nathalia Grilo (Preta Velha), Ramemes, Lamego e Kohama.

“Queremos que o livro, que traz a parte gráfica do selo, com programação visual de Lucas Pires, e textos de GG Albuquerque e Nathalia Grilo, seja uma forma de perpetuar o impacto desses 10 anos de trabalho. Ele reflete nossa trajetória e visão sobre a música e design”, conta ela sobre o livro comemorativo.

SERVIÇO

QTV 10 ANOS

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa) | 12/1, a partir das 19h30 (abertura dos portões) Ingressos entre R\$ 70 (meia) e R\$ 180

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Mestre e pupila

Numa janeiro, inesgotável, Roberto Menescal segue sua temporada de shows com Leila Pinheira nos sábados deste mês no Blue Note Rio. E no domingo (19), o músico sobe ao palco do Festival Juventude Pela Paz, na área externa do Lagoon, para se apresentar com uma jovem talento da música popular brasileira: a jovem Analu Sampaio, de 16 anos, de Vitória da Conquista (BA), em show com repertório de Elis Regina.

Divulgação



Noite groove

O groove está no ar na noite deste sábado (18) no Circo Voador com apresentação de duas big bands de tirar o fôlego: Zé Bigode Orquestra e Bixiga 70 (foto). Tendo tocado nos cinco continentes e nos principais festivais do Brasil e do Mundo, o Bixiga 70 traz na bagagem um show dançante, marca registrada do grupo. Seu repertório é uma grande fusão de estilos urbanos que se mesclam na típica antropofagia brasileira.

Bárbara Furtado/Divulgação



Máscaras da vida

Comemorando 40 anos de palco, o multifacetado Claudio Lins cria um musical/show a partir de single e clipe em que brinca com as máscaras da vida real. É o espetáculo “Diz a verdade”, que o ator, cantor e compositor apresenta no Teatro Rival Petrobras neste sábado (18), propondo um pacto com o público: os únicos com permissão para “mentir” de verdade são os artistas, já que no palco tudo é possível.

Eduardo Dall'Oglio/Divulgação

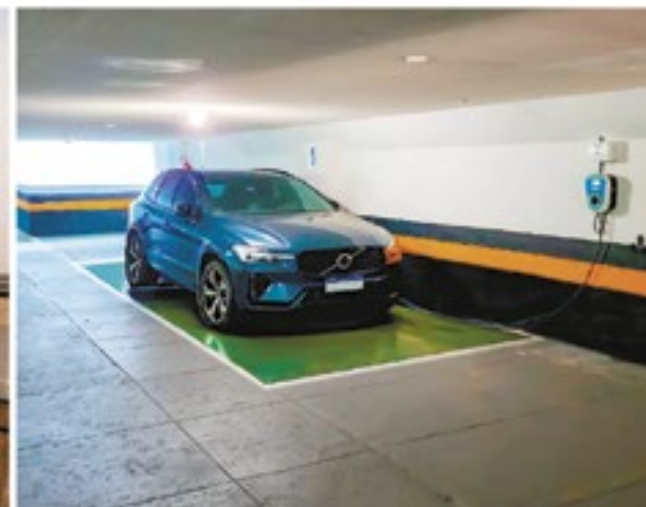


Em nova turnê

A cantora, compositora e multi-instrumentista Carol Biazin sobe aos palcos com a aguardada turnê “No Escuro, Quem É Você?”, marcando uma fase intensa e reveladora de sua carreira. O show baseado em seu mais recente trabalho, o álbum duplo “No Escuro”, será nesta sexta-feira (17), às 21h, no Vivo Rio. No palco, Carol explora uma rica diversidade sonora, transitando do R&B ao pop, além de baladas acústicas.



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ

ENTREVISTA / JÔ SANTANA, PRODUTOR

'Há uma necessidade de reapresentar o Brasil aos brasileiros'

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Jô Santana é alto, forte, anda decidido, aperto de mão firme, sorriso largo. Poderia ser mais um artista que saiu de sua terra para tentar o sucesso. Ele é, na verdade, uma força que vai muito além do seu físico. Estudou nas melhores escolas de teatro, no Brasil e no exterior. Foi ator de sucesso e, há mais de 15 anos, criou um novo estilo de musical.

Artistas brasileiros são vistos além de suas biografias deste verdadeiro show-runner. Criativo, com foco na cultura brasileira, apresenta espetáculos de sucesso. Agora, está à frente de "Martinho Coração de Rei - o Musical", uma potência de brasilidade no palco, com atores um time de atores-cantores talentosos, ballet dos melhores, figurinos lindos numa dramaturgia contagiante de Helena Theodoro e uma direção acertadíssima de Miguel Falabella.

Com exclusividade, Jô Santana conversou com o Correio sobre passado, presente e futuro.

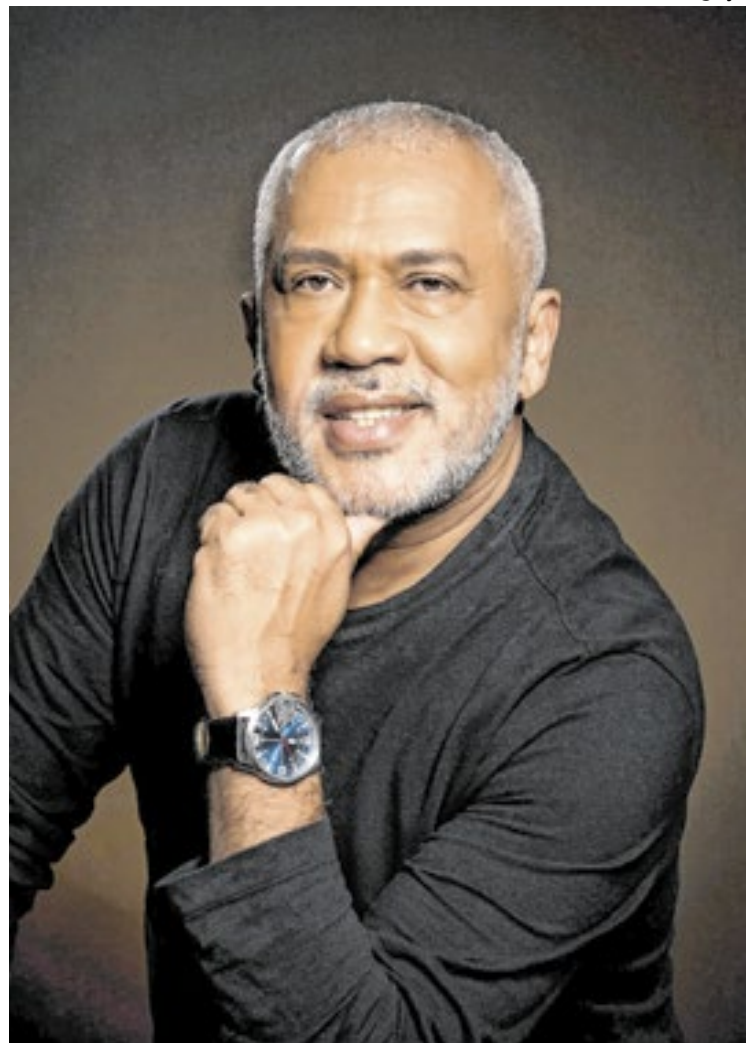
Como e quando você encontrou o teatro?

Jô Santana - Eu nasci em Aracaju, Sergipe. Lá, na adolescência, eu estudava no Colégio Estadual 17 de Março e, certa feita, a nossa professora de Educação Artística, Eugenia Barros, uma mulher negra, nos levou para o Festival de Artes de São Cristóvão. Lá tive oportunidade de ver dois fenômenos que marcaram minha vida pra sempre: Marika Gidali, uma artista húngara,

dançando no espetáculo "Que Saudades de Elis", do Ballet Stagium; e o Grupo Imbuça, o mais antigo grupo de teatro de rua do Brasil em atividade ininterrupta. Ali soube que era aquilo que eu queria para a minha vida: a vida para sempre ligada aos palcos e ao mundo dos espetáculos. Pouco tempo depois, estava eu vindo pra São Paulo, ainda novinho, para tentar a vida como ator. E, como os trabalhos nem sempre pintavam, entre uma formação e outra, eu fui começando a produzir para poder atuar. E acabei tomando gosto pela produção, direção e idealização de projetos teatrais e musicais.

Como a sua formação internacional, em um viés diferenciado, resolveu misturar chiclete com banana, e fazer nosso samba ficar assim em musicais?

Sim, eu tenho uma formação bastante abrangente, passei pelo Grupo Tapa, tive contato com o Living Theatre no começo da minha carreira, tenho tido oportunidade de ver e estar em contato com o melhor da produção cultural no mundo, mas eu aproveito de tudo isso para pegar o melhor do nosso Brasil e produzir um teatro musical genuinamente brasileiro. Essa tem sido uma grande luta nossa! Encontrar essa cara do nosso teatro musical, que bebe muito das culturas de cada lugar do nosso país, dos nossos ritmos, nossos saberes e sabores que, obviamente são muito influenciados tanto pelas culturas europeias e estadunidenses quanto pelas culturas africanas também. É a formação do nosso povo e daquilo que a gente quer ver e ouvir.



Divulgação

Cada trabalho também tem muito do toque de cada pessoa que está na direção, que acaba por trazer a sua bagagem. É sempre algo muito produto do coletivo!

Seus espetáculos vão além da biografias. Em Alcione temos o boi. Em Martinho temos as religiões de matriz africana. Como você pensa e escolhe esses caminhos.

Com certeza! No musical de Cartola, a gente trouxe o morro e o carnaval para o palco. Para

homenagear Dona Ivone Lara, trouxemos o universo da "loucura", ela foi importante para a psiquiatria brasileira ao lado de Nise da Silveira, e também mais uma vez o carnaval, as rodas de samba. Não é só sobre uma pessoa que está sendo homenageada. É sobre o seu legado e o universo do qual aquela pessoa bebeu na fonte. Assim tem sido e assim será com todos os projetos que temos em mente. A gente sempre envolve todo um trabalho de pesquisa. Sempre

que possível, a gente vai até onde a pessoa viveu e se construiu enquanto artista. A gente foi a São Luís do Maranhão algumas vezes durante o processo de "Marrom, o Musical". Há uma necessidade de reapresentar o Brasil aos brasileiros, porque é uma nação muito grande e rica demais em culturas pra gente conhecer e reconhecer.

O que está em gestação além de Fafá de Belem?

É isso. Ainda sobre o tópico anterior, pra falar de Fafá, a gente vai mergulhar na Amazônia Paraense, na cultura de Belém e, como o momento pede, vai ter também um quê de grito pela nossa sobrevivência na Terra. É o ano da COP 30. Os olhos do mundo inteiro estarão voltados para o Brasil. Além do musical em homenagem a Fafá, estamos preparando um belíssimo musical em homenagem aos 100 anos da Estação Primeira de Mangueira, a convite da presidente da escola. Vem aí também uma homenagem ao grande Johnny Alf, em parceria com Miguel Falabella; estamos costurando um projeto grandioso junto com o Maestro Adriano Machado e a Orquestra Sinfônica Villa Lobos, sobre o qual a gente ainda não pode dar mais detalhes; além de uma nova temporada de "Marrom, o Musical".

E a volta a ser ator? Tem em mente algum projeto para atuar?

O ator está sempre aqui! Não tem sido o meu foco, mas sim, por ocasião dos meus 30 anos de carreira, eu estarei de volta aos palcos em uma montagem de um clássico: Oteló! Vem aí! Podem esperar! Também estarei na direção de uma nova montagem de O Reizinho Mandão, um grande sucesso nosso do teatro infanto-juvenil, premiado e com um elenco especialíssimo, baseado no livro da minha querida amiga Ruth Rocha. É um xodó esse projeto. Fazer teatro com jovens com síndrome de Down foi algo que me deu um novo olhar para a vida e para a arte. Vai ser muito bom poder fazer isso de novo!

CRÍTICA / TEATRO / A VIDA NÃO É JUSTA

Quando a vida presta

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A arte te muitíssimos propósitos. Da fruição estética, do belo ou do grotesco, mas também quando é o fio condutor do entretenimento de boa qualidade. “A Vida Não É Justa” cumpre os dois papéis. Um trama formada por fragmentos de situações de separação de casais que forma um mosaico, cujo o todo nos apresenta que todas as formas de separação valem a pena, dentro da lógica amorosa de cada um.

Nessa edição, está a volta de Rosamaria Murtinho Barata. Aos 92 anos, ela é capaz de ter total galhardia nos três papéis que en-



Divulgação

A veterana Rosamaria Murtinho e o jovem ator Bruno Quixotte em cena em ‘A Vida Não é Justa’

cena. Pela inspiração do livro “A Vida Não É Justa” que apresenta os casos e as sentenças/soluções da juíza e dramaturga Andrea Pachá. O produtor Eduardo Barata monta uma equipe formada por Delson Antunes na dramaturgia e Tônico Pereira na direção.

O elenco inclusivo com atores e atrizes de idades diversas, alcançando três gerações.

Lorena da Silva, Marta Paret, Duda Barata, Bruno Quixotte e Rafael Sardão, Rosamaria Murtinho e Wilson Rabelo desenvolvem os oito episódios dando voz, corpo e emoção ao texto leve e perspicaz. As histórias abordam temas como desigualdade, escolhas difíceis e o peso das convenções sociais.

A direção equilibra os momentos de ri-

sos, reflexão, emoção amorosa o que provoca a imediata catarse, pois todos os espectadores passaram por situações desse tipo: ódio, ressentimento, espanto, traição, as complexidades do amor, de sua finalização aparecem nos atores em diálogos ágeis em que todos desempenham com bastante eficiência.

A cenografia, com a movimentação das cadeiras e a mesa da juíza em um pequeno praticável soluciona bem o sentido do que se trata. Uma juíza, naturalmente superior, interage com os casais ainda sentados lado a lado. Os figurinos traduzem a classe social e a personalidade dos personagens.

As histórias, ainda que falem de separação, rompimento, traição, nos mostram que no teatro, com todos os seus elementos executados de forma correta, é a melhor diversão, pois nos cobre de emoção.

SERVIÇO

A VIDA NÃO É JUSTA

Sesc Copacabana (Rua Domingos

Ferreira, 160) | Até 9/2, às sextas e

sábados (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50

(associado Sesc)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Mamulengos no CCBB

A Mostra Carroça de Mamulengo “Três Gerações de Arte Brincant” está em cartaz no Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil, até 23 de fevereiro. Os três espetáculos que integram a mostra representam diferentes recortes históricos da Cia Carroça de Mamulengos, trupe itinerante formada por três gerações da família Gomide-França: “O Babauzeiro”, “Histórias de Teatro e Circo” e “Janeiros”. O espetáculo foi criado em Brasília há 47 anos pelo bonequeiro Carlos Gomide e pela atriz Schirley França.

Davi Mello/Divulgação



Roberto Cardoso/Divulgação



Diálogos profundos

A premiada “Mão Na Face”, peça de estreia do Coletivo Luar, está de volta no Centro Cultural Justiça Federal. Escrito por Rafael Martins e dirigido por Rô Sant’Anna e Jack Santtoro, o espetáculo ganhou diversos prêmios e a permanecer em cartaz nos últimos sete anos conta a história do encontro entre a prostituta Mara e a drag queen Gina, em uma noite de diálogos profundos, revelando uma dura realidade que não foge à beleza da vida. O coletivo une artistas de três estados diferentes: Ceará, Goiás e Paraná.

Divulgação



O amor aos 60 anos

“Dois Contra o Mundo”, com direção de Renata Paschoal, faz duas únicas apresentações nesta sexta e sábado (17 e 18), às 21h, no Manouche, no subsolo da Casa Camolese. E volta ao Teatro Domingos Oliveira (Planetário da Gávea) para uma nova temporada, de 24 de janeiro a 16 de fevereiro. Com leveza, o espetáculo narra a história de Gi (Priscilla Rozenbaum) que, ao se mudar para o Rio, conhece Cadu (Marcio Vito), ator e professor de teatro. Apesar das diferenças vivem uma inesperada história de amor, que mostra a possibilidade de recomeçar uma nova vida aos 60 anos.

SHOW**GEORGE ISRAEL**

*O saxofonista e compositor apresenta versões inéditas dos grandes sucessos do Kid Abelha, que compôs em parceria com Paula Toller e Leoni. Além disso, parceiro também de Cazuza, mostrará canções icônicas dos dois como: "Brasil", "Solidão Que Nada" e outras menos conhecidas. Sex (17), às 22h. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 120

DANÇA**ENQUANTO VOCÊ VOAVA, EU CRIAVA RAÍZES**

*O trabalho mais recente da dupla André Curti e Artur Luanda Ribeiro, da Cia Dos à Deux, une dança, teatro, circo, artes cênicas, mímica e artes plásticas. Até 23/2, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 40 e R\$ 120

TEATRO**MARTINHO, CORAÇÃO DE REI**

*Um time de 20 atores-cantores-bailarinos e oito músicos dá vida à história de Martinho da Vila em musical com texto de Helena Theodoro e direção de Miguel Falabella. Até 23/2, de qui a sáb (2h) e dom (19h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 39 e R\$ 200

MEU CARO AMIGO

*Uma professora de História apaixonada pela obra de Chico Buarque tem a vida embalada pelas canções do compositor. Até 25/2, seg e ter (19h). Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

MALDITA

*Trechos das tragédias gregas "Édipo Rei", "Antígona" e "Sete Contra Tebas" são explorados num experimento de comichidade contemporânea. Até 2/2, às sex e sáb (20h e dom (19h)). Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

MARKU MUSICAL

*A vida, obra e legado saudoso cantor e compositor Marku Ribas são celebrados neste musical que reúne suas filhas e a viúva. Até 2/2, de qua a sáb (19h) e dom (18h). Teatro I - Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

*Meu Caro Amigo*

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Pablo Bernardo/Divulgação

*O multifacetado Marku Ribas tem sua trajetória revista em musical***MARGINAL GENET**

*A dramaturgia criada por Francis Mayer inspira-se em passagens do cultuado romance 'Diário de um Ladrão', de Jean Genet, autor transgressor que viveu no submundo parisiense até ser descoberto por Albert Camus e Jean Paul Sartre. Até 31/1, qui e sex (20h). Cine Teatro Joia (Av. N. S. Copacabana, 680). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

DETALHES DE NÓS DOIS

*Helga Nemetik e Pedro Henrique Lopes encenam este delicado musical que resgata o cancionero romântico de Roberto Carlos, capaz de embalar romances há várias gerações. Até 12/2, ter e qua (20h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 20 e R\$ 90

Erik Almeida/Divulgação



Martinho, Coração de Rei - O Musical

Divulgação



George Israel

Robert S/Divulgação



Rota do Chá

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

*Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo, aos 91 anos, retoma a temporada do solo em que arrebatou plateias com episódios de sua vida carreira. Direção de Flávio Marinho. Até 23/2, qui (17h), sex (20h), sáb (19h) e dom (20h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso). R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

MATA TEU PAI

*Indicada como melhor atriz ao Prêmio Shell 2024 por sua atuação em "Último Ensaio", Debora Lamm está de volta ao teatro em monólogo que desconstrói o mito trágico de Medeia. Até 26/1, às sex e sáb (20h) e dom (19h). Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Divulgação



Enquanto Você Voava Eu Criava Raízes

Stephany Lopez/Divulgação



Maldita

EXPOSIÇÃO**GEOMETRIA INQUIETA**

*Retrospectiva mapeia o percurso trilhado pelo escultor Ascânio MMM, cuja obra é marcada por uma estética minimalista e geométrica. Até 30/3, de ter a dom (12h às 18h). Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105). R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (quartas-feiras)

FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

*Coletiva que reúne mais de 300 obras e instalações de 200 artistas de várias regiões que oferecem um panorama diversificado do que era o Brasil na conturbada década de 1980. Até 27/1, qua a seg (9h às 20h). CCBB-RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

*O artista plástico campista Edmilson Nunes apresenta nesta individual alguns trabalhos de sua produção mais recente. Em cartaz na Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500). Até 31/1, de seg a sex (12h às 17h). Grátis

ROTA DO CHÁ - BOTÂNICA, CULTURA E TRADIÇÃO

*Exposição conta a fantástica e rica história do chá desde suas origens ancestrais na China até sua disseminação global, com destaque para os rituais, as artes e a evolução social, associados à sua produção e consumo. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

ASSIM É SE LHE PARECE

*Adepto da fotografia analógica e em preto e branco, o paraibano Antonio Augusto Fontes apresenta 60 trabalhos de sua vasta produção, incluindo obras icônicas e registros inéditos de sua trajetória pelo Brasil e exterior. Até 28/2, seg a sex (11h às 19h). Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432). Grátis

SISSON, 200 ANOS

*Mostra reúne 170 obras do ilustrador francês Sébastien Sisson (1824-1898), pioneir das HQs no Brasil. Até 22/1, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, 219). Grátis

INFANTIL**D.P.A. 2 - A PEÇA - UM MISTÉRIO MUSICAL EM MAGWOOD**

*Os meninos detetives do Prédio Azul vivem novas aventuras no teatro. Até 9/2, sáb (14h e 16h30) e dom (16h e 18h30). Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, loja 370). Entre R\$ 45 a R\$ 120

PARTIU 90!

*Sucesso em sua primeira temporada carioca, este espetáculo infanto-juvenil conta a história de Bia, uma menina de 2024 que viaja no tempo com sua melhor amiga para mudar o passado de seus pais. Texto e direção geral de Camila Gismondí. Até 1/2, aos sáb (11h). Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso). R\$ 100, R\$ 50 (meia) e R\$ 150 (combo familiar, 3 pessoas)

Palma para Kusturica

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com os caminhos abertos para a consagração e (segundo as especulações hollywoodianas) ao Oscar, à força de uma Palma de Ouro, “Anora” será a cereja de um bolo gelado que inaugura o circuito anual das mostras competitivas do cinema mundial sob a pesada neve da Sérvia: o Küstendorf International Film and Music Festival. Na próxima quarta-feira, um dia antes de a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood anunciar os concorrentes à sua estatueta dourada, o realizador Emir Kusturica (de “Gata Preta, Gato Branco”) inaugura a 18ª edição do evento que idealizou em seu próprio lar, um resort na vila de Mokra Gora.

Ela fica na fronteira com a Bósnia, a cerca de três horas de Belgrado. Por lá serão exibidas produções dos mais variados cantos do mundo, com 16 títulos na competição oficial, só de curtas-metragens, organizada sob uma filosofia de tolerância zero com o imperialismo. O longa que conquistou o prêmio máximo de Cannes, protagonizado por Mikey Madison, sob a direção de Sean Baker (de “Projeto Flórida”), passa por lá na seção Contemporary Tendencies, ampliando seu prestígio às vésperas da estreia comercial em muitos países. No Brasil, seu lançamento será no dia 23.

“Dos Estados Unidos, nós vimos o melhor e o pior, pois, durante a Era de Ouro de Hollywood, recebemos de lá filmes brilhantes e músicas geniais, o que durou até os anos 1980, quando a excelência poética daquele país foi desviada para a tecnologia, num investimento na produção de armas. Ainda temos, contudo, vozes autorais a ecoar de lá”, disse Kusturica ao Correio da Manhã, ao justificar a pluralidade das escolhas de Küstendorf, incluindo a presença de um longa



Divulgação



Divulgação

O poster oficial do evento deste ano

como o de Baker (nascido em Nova Jersey há 53 anos), que oxigena a cartilha indie. “A cada ano, chegam mais filmes para selecionarmos. Meu cuidado é oferecer a plataforma ideal para que cineastas de todo o mundo possam exibir seu trabalho de maneira confortável”.

Para assegurar à projeção de “Anora” holofotes à altura da boa reputação que essa comédia amarga constrói desde maio passado, com a consagração em Cannes, Kusturica convidou um dos atores da fita, o russo Yura Borisov para papear com a plateia de Küstendorf. Ele concorreu ao Globo de Ouro e está na disputa do Bafta (troféu britâ-

Laureado duas vezes com o troféu mais cobiçado de Cannes, diretor sérvio leva o oscarizável ‘Anora’ e outros cults ao festival contra o imperialismo que promove num resort, sob a neve

nico) por seu bom desempenho como coadjuvante na saga da stripper Ani (interpretada por Mikey Madison), que se mete numa série de peripécias arriscadas ao casar com um milionário eslavo doidão. A trama lembra Cinderela, mas sem sapatinho de cristal.

“Não acredito que ‘Anora’ traga uma síntese da juventude de hoje, mas afirmo que ele, em sua essência, foge de qualquer glamourização do

O cineasta sérvio Emir Kusturica criou nas montanhas de seu país um festival que respira autoralidade



Divulgação

O oscarizável ‘Anora’ é destaque do festival

universo do sexo que retrata”, disse Baker ao Correio, em entrevista via Zoom, explicando que edita seus próprios filmes, numa montagem pautada por um distanciamento crítico. “Olho para as imagens que rodei como se eu fosse um documentarista a fitar o real, e monto em ordem cronológica”.

Ao lado de “Anora” na vitrine das tendências contemporâneas de Küstendorf, Kusturica exibirá ainda “É Só Por Um Tempo”, de Fei Long (China); “O Ano Novo Que Nunca Veio”, de Bogdan Muresanu (Romênia); “Aicha”, de Mehdi Barsaoui (Tunísia), e “Stolen”, de Karan Tejpal (Índia), que

encerra a programação, no sábado. No mesmo dia, serão anunciadas as vitórias da seleção competitiva, decididas por um júri formado pela atriz e teórica Ksenija Zelenovic e os diretores Edoardo De Angelis e Giacomo Abruzzese. Este leva na mala para Mokra Gora o documentário inédito “América”, a ser exibido para o público na seção New Authors.

Envolvido hoje com um projeto de longa de ficção baseado em Dostoiévski chamado “Crime No Punishment”, Kusturica vai exibir em sua Disneylândia cinéfila os dois sucessos de bilheteria que lhe deram um par de Palmas douradas em Cannes: “Quando Papai Saiu Em Viagem de Negócios”, de 1985, e “Underground – Mentiras de Guerra”, de 1995. Ambos terão sessões numa salinha de projeção chamada Cine Stanley Kubrick, em tributo ao realizador de “2.001 – Uma Odisseia No Espaço” (1968). O restaurante local, que serve pratos típicos como Urnebes (um queijo branco coberto de especiarias tipo páprica), é chamado de Visconti, em referência ao realizador de “O Leopardo” (1963). O cardápio sempre tem salada de beterraba, risoto de legumes e presunto defumado.

Leitor de Machado de Assis (1839-1908) e entusiasta do presidente Lula, o anfitrião de Küstendorf filmou em solo sul-americano duas vezes. Rodou “Maradona por Kusturica” (2008) na Argentina (a louvar o Pibe de Oro dos gramados) e “El Pepe, Uma Vida Suprema” (2018), sobre octogenário líder uruguaio Pepe Mujica, no Uruguai.

“Estou em dívida com o Brasil”, disse o cineasta. “Nós, sérvios, e vocês, latino-americanos, carregamos, de formas distintas, o fardo de uma luta constante pela sobrevivência de nossas culturas. Tivemos no realismo mágico uma forma comum de luta, e temos grandes craques no futebol também”, compara.

Passaporte para a França

Com leva de filmes para mobilizar festivais como Roterdã e Berlim, a produção francesa usa um fórum em Paris para badalar iguarias como 'Misericórdia', que chega ao Brasil elogiada

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Depois de arrebatador quatro Globos de Ouro com "Emilia Pérez", de Jacques Audiard, o audiovisual francês prepara sua ofensiva para 2025 flanqueando os festivais de maior prestígio do mundo, incluindo o de Roterdã, que começa no próximo dia 30. É lá, em terras holandesas, que a pátria presidida por Emmanuel Macron vai estreiar o esperado "La Chambre de Mariana", de Emmanuel Finkiel, com Mélanie Thierry.

Seu enredo recria os dias mais sombrios da Segunda Guerra Mundial. Em meio à violência nazista, os judeus Yulia e Hugo, mãe e filho, escapam de um gueto ucraniano. Temendo por sua segurança, Yulia confia seu rebento aos cuidados de uma amiga, Mariana, uma profissional do sexo que vive em um bordel, onde o guri vai



Divulgação

A diva francesa Isabelle Huppert estrela 'La Femme La Plus Riche Du Monde', que deve pintar na Berlinale

Divulgação



'La Chambre de Mariana' recria dias sombrios da II Guerra

tomar contato com a aspereza da vida.

Paralelamente a esse drama de contexto bélico, as salas de Roterdã flertam com a produção francesa que foi considerada "O" filme de 2024 por escribas da revista "Cahiers du Cinéma", a Bíblia do audiovisual: o thriller "Misericórdia", de Alain Giraudie. Sua estreia no Brasil acontece neste fim de semana, quando seu diretor promete agitar Paris num fórum organizado pela Unifrance.

Essa é a entidade do governo

francês cuja missão é assegurar a circulação mundial dos longas, dos curtas e dos seriados feitos em solo parisiense, em Marselha, em Nice, em Nantes e arredores, realizando o tal fórum supracitado, chamado Rendez-vous Avec Le Cinéma Français. A meta dele é atrair distribuidores e a mídia para títulos com o de Giraudie e de Finkiel. O evento é organizado num hotel em Paris (desta vez será o Sofitel Arc de Triomphe), sempre em janeiro. Nesta edição, seus trabalhos começaram na terça e vão

2020, sobre a Távola Redonda; a chanchada "Les Tuche: God Save the Tuche", com o Didi Mocó do Velho Mundo, Jean-Paul Rouve; e o pancadão "13 Jours 13 Nuits", de Martin Bourboulon.

Estima-se que "Misericórdia" seja a atração nº 1 deste Rendez-vous, sob baixas temperaturas de um clima invernal. Giraudie fez seu lançamento mundial em maio, na seção (não competitiva) Première do Festival de Cannes. A fita passou pela Mostra de São Paulo, em outubro, ao mesmo tempo em que estreou nas salas de projeção de sua terra. Teve uma bilheteria modesta lá (207 mil pagantes) e não ganhou prêmios em mostras classe AA, embora tenha abocanhado a láurea de melhor roteiro no Festival de Vaiadollid, na Espanha. Abocanhou a "Cahiers" assim mesmo o que conta muito para seu prestígio.

Em sua trama, Jérémie (Félix Kisyk) volta à sua cidade natal para o funeral do seu primeiro patrão, o padeiro do vilarejo. Ao chegar, decide permanecer por mais algum tempo ao lado da viúva, Martine (Catherine Frot). Essa presença, no entanto, acaba perturbando o ambiente ao criar uma desavença com o filho da mulher, Vincent (Jean-Baptiste Durand). Um misterioso desaparecimento, um vizinho ameaçador e o padre local com estranhas intenções fazem a estadia de Jérémie tomar um rumo inesperado... e infernal.

"Quis fazer um filme que se ambientasse no outono, com as folhas caindo, com o assobio do vento e a chuva como balizas naturais de um vilarejo que mudou pouco dos anos 1970 até hoje, onde construo a história de sólidos que se esbarram", disse Giraudie ao Correio da Manhã, em Cannes. "Já ouvi algumas analogias entre a trama e a literatura da Patricia Highsmith (diva da prosa policial), mas nunca li seus livros. Deveria. Penso essa narrativa mais como um estudo sobre o perdão, sobre o exercício da dita 'misericórdia' do título, sendo que o padre é meu personagem favorito, por estar ligado à tradição, mas também ao desejo".



Divulgação

'Misericórdia' foi considerado um o melhor filme de 2024 pela Cahiers du Cinéma

até terça que vem.

Sua programação de exposições e entrevistas mobiliza estrelas e cineastas. Por lá devem passar talentos como a diretora Audrey Diwan - que abriu o Festival de San Sebastián, em setembro, com o remake de "Emmanuelle" - e a diva Isabelle Huppert, que presidiu o júri do Festival de Veneza, em agosto. Espera-se que o mais recente trabalho dela, "La Femme La Plus Riche Du Monde", vá representar sua nação na corrida pelo Urso de Ouro da 75ª Berlinale, agendada de 13 a 23 de fevereiro.

No dia 21, o Festival de Berlim vai anunciar seus concorrentes e já se espera uma leva francesa lá, como a sci-fi "Chien 51", de Cédric Jimenez, e o biopic "De Gaulle", de Antonin Baudry. Os dois serão badalados no Rendez-vous da Unifrance, assim como a fantasia "Kaamelott: The Second Chapter", que dá continuação ao recordista homônimo de público de

CRÍTICA / FILME / CHICO BENTO E A GOIABEIRA MARAVIÓSA

Frescor para um gênero gasto

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Um achado da internet, Isaac Amendoim dá vida a Chico Bento com enorme familiaridade

Por Pedro Sbragia (Folhapress)

O diretor Fernando Fraiha tem grandes méritos na mais recente adaptação da obra de Mauricio de Sousa para os cinemas. “Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa” assume com orgulho um viés fantasioso e, por que não, de farsa.

Não a farsa como mentira ardilosa, embuste, mas a farsa da Grécia antiga, do teatro europeu do século 15, aquela peça popular engraçada, simples e com uma ação recheada de situações ridículas.

Tudo provoca o riso - do gel para cabelo feito da lambida da vaca aos confrontos de Chico Bento e Zé Lelé com Nhô Lau. Até a galinha Giselda ajuda nosso herói burlesco na difícil missão de escolher uma roupa adequada para um encontro amoroso com Rosinha, apesar de galinha não saber nada de estilo, claro.

Isaac Amendoim, uma pérola descoberta na internet, rouba a cena. Já acostumado com as câmeras e com esquetes de humor nas redes, está à vontade como o personagem criado em 1961.

Para além do divertimento, “A Goiabeira Maraviósa” aproveita os personagens caricatos

numa espécie de microcosmo do Brasil. A Vila Abobrinha de Mauricio de Sousa talvez seja vizinha da Asa Branca de Dias Gomes.

É um filme que pode ser visto pela família toda. As reflexões sobre valores e relações sociais são tão sutis, que o tom de farsa ajuda a manter a obra fiel aos quadrinhos e, ao mesmo tempo, acessível a crianças, jovens e adultos. Preste atenção na rápida participação de Piteco, direto da Idade da Pedra.

O produtor do filme é Daniel Rezende, diretor dos dois filmes anteriores da “Turma da Mônica”, além da série de 2022 com

o mesmo elenco. Enquanto os dois adotam um tom mais doce e suave, Chico Bento mantém o tom adocicado, porém intenso, como também é o sabor da goiaba. Bem diferente do “Turma da Mônica Jovem: Reflexos do Medo”, do ano passado, dirigido por Mauricio Eça, que não agradou o público ao se distanciar do universo cinematográfico mauriciano.

“A Goiabeira Maraviósa” vai na contramão da realidade, refutando a tendência de adaptar HQ - como se fossem histórias reais. Algo que começou em Hollywood, no universo Marvel e principalmente na DC, deu certo no

início, mas depois se mostrou uma fórmula desgastada.

As interações do protagonista com a câmera, quando quebra a quarta parede e conversa com o espectador, é uma forma de lembrar o tempo todo que tudo não passa de um causo. Desses bem cabeludos, um trem para lá de complicado.

Em 1523, o primeiro grande dramaturgo português Gil Vicente foi acusado de plágio. Em defesa, pediu aos acusadores que escolhessem qualquer tema para ele escrever uma peça na hora. O mote foi o ditado popular “mais vale asno que me leve que cavalo que me derrube” e, dele, Gil Vicente escreveu a “Farsa de Inês Pereira”.

Na farsa do Chico Bento, o cavalo que derruba é a estrada - que também derruba, no caso, a goiabeira. Uma sacada genial do roteiro, assinado pelo próprio diretor junto de Raul Chequer e Elena Altheman.

Fraiha e Chequer também são parceiros no “Choque de Cultura”, programa que simula uma mesa redonda sobre cinema e séries de TV. Também como uma farsa, são quatro motoristas de vans que fazem as reflexões culturais no lugar de críticos.

O filme consegue mergulhar no Brasil profundo e caipira, sem parecer nostálgico e ingênuo. A resolução do conflito passa uma mensagem de que sozinhos no mundo não vamos conseguir impedir nossa autodestruição e pondera sobre a ideologia neoliberal nefasta do progresso.

Por que precisam derrubar a goiabeira para construir mais uma estrada? Por que precisam derrubar as árvores para fazer mais um viaduto na Sena Madureira? Por que precisam fazer mineração na Serra do Curral?

Chico Bento só consegue prosperar na missão dele depois que supera seu maior defeito desde os tempos do gibi - não ouvir as pessoas. A escuta é poderosa e, para a turma do Chico Bento, o futuro é coletivo.

CRÍTICA / FILME / WALLACE & GROMIT: AVENGANÇA

Aardman/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Apresentada aos brasileiros em retrospectivas do cinema do Leste Europeu no MAM-Rio e reprises de “A Rena do Nariz Vermelho” (1964), no SBT, a técnica de stop-motion se estrutura sob uma engenharia de filmagem na qual a câmera, em rotação, é parada e reiniciada repetidas vezes, a fim de dar aos objetos que enquadra um efeito de movimento. O Anima Mundi, festival interrompido sob a guilhotina do governo Bolsonaro, em 2019, encheu nossas miradas com curtas e longas-metragens desenvolvidos sob esse conceito.

No ano um desse evento no país, 1993, o engenho de capturar a ação de bonecos de resina (ou massa) ganhou um reforço nas salas de projeção com o sucesso (seguido de culto) de “O Estranho Mundo de Jack”, do artista plástico e cineasta Henry Selick, que ainda faria “Coraline e o Mundo Secreto” (2009).

Tim Burton também entrou nessa seara com “A Noiva Cadáver”, de 2005. Outros realizadores autorais, como Guillermo Del Toro (com “Pinóquio”) e Wes Anderson (com “O Fantástico Sr. Raposo” e “Ilha dos Cachorros”), aventuraram-se nessa vereda cinematográfica, que venceu o aclamado Festival de Annecy, na França, este ano, com o australiano “Memórias de um Caracol”, de Adam Elliot, provando estar em alta. Tal vereda desfruta de um CEP confortável em Bristol, na Inglaterra, na sede da Aardman Animations. Desse estúdio nasceu “Wallace & Gromit: Avengança”, iguaria do cardápio da Netflix, recém-chegada ao Brasil. Que delícia de animação ela é!

Fundada em 1972 por Peter Lord e David Sproston, a Aardman surgiu para desenvolver filmes autorais desligados das exigências de um mercado (que ainda não havia sido fatiado entre as gigantes Disney/Pixar, Illumination e DreamWorks) e produzir conteúdo para a BBC. Em 1985, um talento chamado Nicholas Wulstan “Nick” Park se junta às fileiras da produtora e não tarda a oferecer a seus patrões dois personagens delineados na prancheta da simpatia: o inventor Wallace e seu cão Gromit. Os dois se impuseram no imaginário cinéfilo do Velho Mundo como metáforas de um Reino Unido bucólico logo que estrearam, no curta “Dia de Folga” (“A Grand Day Out”, 1989), indicado ao Oscar dois anos



O cão Gromit ajuda o inventor Wallace, dublado por Alexandre Moreno, na entrega de gnomos robôs

Massinha de modelar sorrisos

depois. Na mesma festa da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, Park concorreu ainda com outro título, “Creature Comforts”, que lhe rendeu a primeira de suas quatro estatuetas hollywoodianas.

Antes dessa consagração, ele se impôs como um artesão da imagem animada ao participar de um revolucionário clipe de Peter Gabriel, chamado “Sledgehammer”, famoso por um balé de frangos prestes a serem assados. Ganhou novos holofotes em 2000, agora na seara dos longas, com o êxito comercial de “A Fuga das Galinhas” (“Chicken Run”), com a voz de Mel Gibson em seu elenco, no papel do galo Rocky.

Nos últimos 36 anos, Park trouxe Wal-

lace & Gromit de volta à tela várias vezes, em metragens diversas, preservando a essência ecológica deles. Em sua Grã-Bretanha animada, a relação entre humanos e a natureza é mediada por parafernálias analógicas (com molas, parafusos e roldanas) que, apesar de muito excêntricas, harmonizam-se com a flora e a fauna. Agora, em “Avengança”, o temor em torno da inteligência artificial alimenta um debate sobre tecnologia numa estrutura de aventura com agilidade adequada a públicos mirins e ironia para adultos.

Indicado ao Globo de Ouro, “Wallace & Gromit: Vengeance Most Fowl” (título original de “Avengança”) tem seu enredo

derivado do oscarizado “As Calças Erradas” (“The Wrong Trousers”, 1993), no qual Park criou um vilão de feições adoráveis: o pinguim ladrão Feathers McGraw. O regresso do bandidão movimentado o novo trabalho do cineasta, dirigido em dupla com Merlin Crossingham.

Nota-se um humor acima do padrão Aardman no roteiro escrito em duo por Mark Burton e Park. Na trama, Feathers McGraw boicota o que prometia ser a invenção mais inovadora de Wallace: um gnomo de jardim robótico. O construto é programado para desempenhar as mais árduas tarefas domésticas e trabalhos de jardinagem, obrigações que antes eram confiadas a Gromit. Leitor contumaz da prosa britânica, inclusive a poesia de John Milton (1608-1674), o cachorro se irrita com seu substituto. A máquina, contudo, funciona bem, até sofrer com a manipulação do bicudo ferrabrás, que almeja se apoderar de um diamante raro.

Apoiado em múltiplas reviravoltas, amplificadas por pela ágil montagem de Dan Hembury, a narrativa de Park e Crossingham se deleita nas potências plásticas oferecidas pelo stop-motion no trato com materiais como massinha. A direção de arte requintada se vale de um colorido dionisíaco que refresca as retinas da gente.

CRÍTICA / LIVROS



Fotos/Divulgação

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

O escritor Salman Rudshie define “Faca – reflexões sobre um atentado” (Companhia das Letras, R\$ 41,90), seu envolvente e brilhante relato sobre o ataque que sofreu, como “um acerto de contas”. O ateu confesso Rudshie não demonstra a menor compreensão ou oferece perdão ao americano que o esfaqueou, cujo nome sequer é citado no livro, um relato detalhado da recuperação do autor britânico nascido na Índia.

O ressentimento contra Hadi Matar, de 24 anos, deu lugar ao atordoamento pelo atentado, que deixou o escritor cego de um olho e com diversas sequelas em um dos braços e na fala. Salman Rudshie estava prestes a iniciar uma palestra em Nova York quando o jovem de origem libanesa o atacou, sendo contido pelos participantes do encontro, em 2022, mais de trinta anos depois que o então líder iraniano aiatolá Khomeini sentenciou o escritor à morte por “heresia” no texto do livro “Os versos satânicos”.

Para muitos ocidentais, regidos pela moral cristã, a mágoa de Rudshie pode até parecer descabida, embora natural. Após descrever os pormenores de todo

A violência nossa de cada dia



Divulgação

Rushdie não demonstra perdão ao estadunidense que atentou contra sua vida

o tratamento, ele restringe as palavras de carinho para a mulher e os filhos de dois casamentos anteriores. A objetividade do texto se dirige apenas aos procedimentos médicos. Matar, recentemente indiciado por terrorismo, só merece seu desprezo e a criação de um extenso diálogo fictício, sem qualquer complacência pela motivação do jovem muçulmano.

É também no ressentimento

que se pauta o denso, impressionante e hipnótico “A cláusula do pai” (Ayiné, R\$ 59,90), de Jonas Hassen Khemiri. Ao abordar as relações de uma família sueca, detendo-se sobre aspectos da paternidade e a identidade masculina no mundo contemporâneo, Khemiri, sueco descendente de tunisianos, identifica seus personagens pelas múltiplas funções exercidas em diferentes momen-

tos – um avô que é pai, um pai que é filho, uma irmã que foi mãe –, nos raros encontros durante a visita à Suécia do patriarca, que vive no estrangeiro. Ao escolher não dar nomes aos personagens, o autor, um sucesso em seu país, com quatro romances e seis peças traduzidos em 25 idiomas, reforça o quanto cada ocasião exige de um adulto. O filho, em licença paternidade, cuidando de duas

crianças pequenas, é malvisto pelo pai por não abraçar totalmente seu papel de provedor. O avô, gentil com os netos, mostra orgulho de haver cumprido seu dever, embora tenha deixado a família para morar fora do país. Os filhos têm críticas aos hábitos e à desorganização do pai, que não querem hospedar. A convivência ocasional é árdua e indesejada: todos enfrentam suas angústias separadamente, sem buscar apoio nos outros.

Para relaxar depois de leituras profundas e reflexivas, nada como começar o ano com um thriller que trata de pulsões, destino, conflito social e um pouco de psicopatia. “Nada disso é verdade” (Intrínseca, R\$ 50), da inglesa Lisa Jewell, traz o encontro casual de duas mulheres que comemoram o aniversário no mesmo bar. Enquanto Alix é bem-sucedida profissionalmente e tem uma família de anúncio de margarina, Josie, sua “gêmea de aniversário”, sobrevive com dificuldades econômicas e pessoais. As duas mulheres acabam se encontrando com muita frequência para gravar um podcast produzido por Alix, com relatos sobre as relações disfuncionais de Josie com o marido e duas filhas problemáticas. Da amizade forçada surgem verdades que deveria permanecer ocultas para o bem de todos.

Sanduíches que “mergulham” no sabor do mar

Tomás Rangel/Divulgação



Polvo Bar

Confira um roteiro especial de sandubas com recheio de frutos do mar

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

A diversidade do mar todinha dentro de duas fatias de pão! Isso mesmo, os sanduíches deram um “up grade”! Agora podem ser encontrados cada vez mais, nos bares e restaurantes, com uma variedade de recheios que vão desde peixes até atum, salmão, camarão e polvo. Em sua maioria leves, refrescantes e saborosos, são ideais para quem quer comer bem, sem perder muito tempo. Confira as opções que o Correio da Manhã selecionou para você:

Divulgação



Pato com Laranja

PATO COM LARANJA - A sugestão da casa é o Tuna Sando (R\$ 52), um sanduíche de atum frito com aioli de raiz forte e sunumono, servido no pão brioche. Rua Dias Ferreira, 410 – Leblon. Tele: (21) 96777-0022.

POLVO BAR - A chef Monique Gabiatti criou para seu restaurante, especializado em



Camarão Del Mar

Rafael Mollica/Divulgação

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Suibi



Si-chou

Tomás Rangel/Divulgação

CAMARÃO DEL MAR - A Barra da Tijuca acaba de ganhar um novo espaço gastronômico, que tem o camarão como estrela do menu. Entre as opções está o pão de alho orgânico com camarão (R\$ 19,90). Av. Olegário Maciel, 539 – Barra da Tijuca. Tel: (21) 3416-2305.

SI-CHOU - No restaurante asiático comandado pelo chef Elia Schramm, em Ipanema, entra em cena o Bao Si-chou Fish (R\$ 34), versão da chef Juliana Palhares do amado “Mc Fish”, feito no pão de vapor chinês, com peixe branco empanado, molho tártaro e alface. A sugestão entrou como opção para o menu executivo semanal da casa, mas fez tanto sucesso que agora está no menu fixo. Rua Barão da Torre, 472 – Ipanema. Tel: (21) (21) 99867-5933.

SUIBI - O chef Sei Shiroma criou para o restaurante japonês o Sakaná Sando (R\$ 48), um sanduíche de peixe do dia empanado, com maionese de ostras e cebolinha no ponzu. Rua Dias Ferreira, 45 – Leblon.

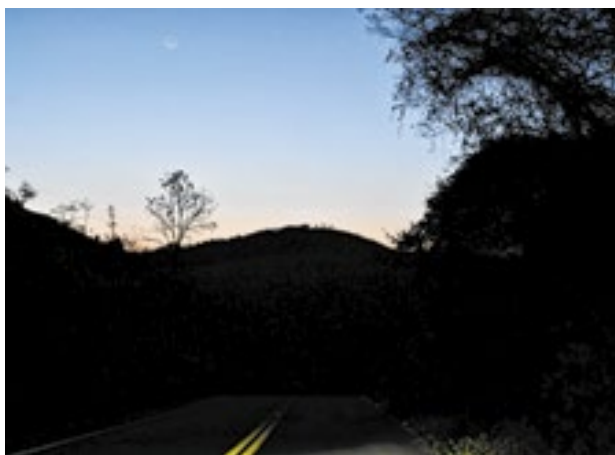


Rio Tap Beer

comidinhas com polvo, o Hot Pulpo (R\$ 59). Ele é feito com tentáculo de polvo grelhado, servido no pão de leite com emulsão de guacamole, maionese de missô e gremolata. Rua General Polidoro, 156 – Botafogo. Tel: (21) 97485-8881.

TAP BEER HOUSE - Na cervejaria, há

opções de sanduíches como o Tap Sanduba Gravlax (R\$ 49) feito com fatias de salmão gravlax (Salmão curado na beterraba, uma especialidade da autêntica culinária escandinava), cream cheese com endro, rúcula e folhas de endro fresco, no pão sourdough. Travessa dos Tamoios, 32 Loja C – Flamengo. Tel: (21) 3258-4168.



Se essa rua fosse minha

Não ladrilharia com as tais ‘pedrinhas de brilhantes’. Refloresceria, como o ‘jardineiro’ Vininha, com belas rosas, dalias, crisântemos, jasmims, petúnias, margaridas, para que ficasse com a cara dos ‘jardins do céu’. “...A beleza das flores realça em primeiro lugar / É um milagre do aroma florido / Mais lindo que todas as graças do céu / E até mesmo do mar...”. Voltei na história-floricultura, dos cravos que aplacam algozes, do caminhar sem lenço e documento, neste sol nada cáustico de dezembros atuais, voltei ali em Ipanema, das moças coloridas pelo Astro-rei. Ah Ipanema, Ipanema não há mais. A ‘Casa Futurista’, como escreveu Joaquim Ferreira dos Santos: “Museu de Belas Artes da intimidade feminina” se foi.

A “Shaika”, se foi, o “Veloso” se tornou “Garota”, o “Gordon” virou cafeteria, o “Mau Cheiro”, e mau cheiro que vinha de lá, pura implicância dos frequentadores daquele memorável bunda de fora, deixou de ser point das madrugadas Leilianas. O Jangadeiro, em-



barcado pelo Dragão do Mar, foi para águas infinitas, está nos braços de Iemanjá. Para aonde foram Caio Mourão, Roniquito, Leila e toda a inteligência carioca? Estarão lendo o ‘Sol’ nas bancas de revista, que enchem meu coração de alegria ou o do Villas sediado nas nuvens? E escadaria da Saint Roman, em Copacabana, que tantas vezes subi para esta-

giar no brilho da contracultura. Saudades da Dona Neuma, do Eufra de Abreu, do Jaguar, do Nani e do Henfil na redação d’O Pasquim.

Aprendendo e ensinando uma nova lição, conversei com a minha querida Celina Carvalho, que eu chamo, carinhosamente, ‘Dama Ramalhete’, viúva do saudoso e inesquecível cantor-poeta Tavito, que colhia a

pimenta e o sal, com magnitude gigantesca e plantou muitos amigos do peito e nada mais, sobre as músicas que ele compôs, seus significados, suas histórias, suas mineirices e fontes de inspiração, bem como minha curiosidade sobre alguns temas e porandubas.

Papo foi, papo voltou alegremente, com histórias sensacionais de nosso amigo, ela me passou um depoimento, lírico e emocionante. Vi uma lágrima no canto daqueles olhos castanhos-esverdeados, falar do seu amado e sempre amadíssimo para todo e sempre, Luís Otávio. Companheiro de palco de nada mais, nada menos que Vinícius de Moraes, cujas cartas trocadas entre ambos ela guarda carinhosamente numa caixinha de marchetaria, ricamente ornada e decorada.

A Rua Ramalhete fica em Belo Horizonte entre os bairros Anchieta e Serra. Tem esse nome singelo, envolto em certo lirismo de memórias guardadas numa adolescência especial, em tremores, tardes fugidias.

Sabe de uma coisa? Eu vejo flores em você. Da alma, a mais linda flor!

É só um jeito de corpo

Grupo Barbatuques se apresenta em Brasília com shows e oficinas

Beto Assem/Divulgação

Por Mayariane Castro

De 31 de janeiro a 2 de fevereiro de 2025, a Caixa Cultural Brasília será palco de uma série de atividades culturais promovidas pelo grupo paulista Barbatuques, conhecido pela sua inovação na música corporal e vocal. Com 25 anos de carreira, o grupo trará à capital federal dois espetáculos e quatro oficinas, voltadas tanto para crianças quanto para adultos.

A programação começa na sexta-feira, 31 de janeiro, com o show “Barbatuques 25 anos”, que será reapresentado também no sábado, 1º de fevereiro, e no domingo, 2 de fevereiro, em horários variados. Além disso, o espetáculo infantil “Tum Pá” terá apresentações no sábado e no domingo, com sessões direcionadas ao público infantil.



Barbatuques é referência mundial na música corporal

A música corporal, com carinho

Oficinas trabalharão coordenação motora e improvisação

Além dos shows, o Barbatuques também oferece quatro oficinas durante a temporada na Caixa Cultural. As oficinas são voltadas ao público de diversas idades e têm como objetivo promover o aprendizado de música corporal e vocal. As atividades ocorrerão nos dias 1º e 2 de fevereiro, com opções para o público geral (a partir de 15 anos) e para crianças (até 14 anos). As oficinas abordam a prática da música corporal, trabalhando a coordenação motora e a

improvisação, e são abertas a pessoas sem experiência prévia.

O Barbatuques é um dos principais representantes da música corporal no Brasil e no exterior. Com um trabalho que mistura diferentes estilos musicais, como baião, samba, maracatu, rap, funk, música africana e eletrônica, o grupo tem se destacado pela exploração de ritmos e sonoridades inusitadas.

A sua proposta inclui também o uso do corpo como ins-



Beto Assem/Divulgação

Coordenação motora e improvisação

trumento musical, um estilo que conquistou o público em diversos países e se tornou referência internacional.

Além das apresentações e oficinas, o grupo tem se envolvido em projetos educativos, corporativos e culturais, utilizando a música corporal como ferramenta pedagógica e de desenvolvimento pessoal.

Em sua trajetória, o Barbatuques já passou por mais de 30 países e colaborou em trilhas sonoras de filmes, publicidade e até remixes para DJs.

O grupo também tem se destacado nas plataformas digitais. Canções como “Baião Destemperado” e “Baiana” fazem sucesso nas redes sociais e em plataformas de streaming, como Instagram e

O show “Barbatuques 25 anos” percorre a trajetória do grupo, que se caracteriza pela fusão de música vocal e corporal com influências da música brasileira e mundial. A apresentação revisita diferentes momentos da carreira, desde o lançamento do primeiro disco “O Corpo do Som”, que explora os ritmos e cantos afro-brasileiros, até a produção mais recente, que inclui o lançamento de singles que mesclam canções e experimentações sonoras.

Já o espetáculo “Tum Pá” é voltado para o público infantil e tem como proposta levar a criança a uma imersão lúdica e criativa no universo sonoro. Completando dez anos, a produção foi reformulada com nova versão que mistura sons do cotidiano, animais, instrumentos musicais e ritmos.

TikTok, além de serem frequentemente utilizadas em vídeos e memes. A constante renovação de sua linguagem e a busca por novos públicos são algumas das características que mantêm o Barbatuques relevante após mais de duas décadas de existência.

Em 2024, o Barbatuques lançou seu primeiro songbook, que reúne partituras e transcrições de suas músicas, além de um rico material sobre as técnicas de música corporal. A publicação visa expandir o acesso a esse estilo musical, tornando-o mais acessível a músicos, educadores e interessados no tema.

Desde sua fundação, o Barbatuques tem contribuído significativamente para a popularização da música corporal como uma linguagem universal. A proposta do grupo é integrar o corpo na produção musical, seja através de sons produzidos pelo próprio corpo ou pela interação entre os músicos e o público.

SHOW**PaGGodin do Léo Santana**

*2025 promete começar com muito pagode. O fenômeno Léo Santana apresenta seu mais novo projeto: o PaGGodin, celebrando o retorno do cantor às suas origens musicais. A turnê chega a Brasília dia 25 de janeiro, sábado, Na Praia Parque. Últimos ingressos estão à venda através do site ou aplicativo R2com.vc.

FESTIVAL**Nipo Festival**

*Nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro de 2025, o Taguatinga Shopping receberá o aguardado Nipo Festival, um evento que celebra a cultura oriental e promete fascinar os visitantes com diversas atrações e atividades. Realizado no Estacionamento H, no 2º piso do shopping, o festival proporcionará uma imersão na rica herança asiática, reunindo opções gastronômicas autênticas e experiências culturais únicas.

Festival MVMA Valorização

*Brasília, com sua mistura de culturas, é um celeiro de gêneros musicais. Para celebrar essa diversidade, o Festival MVMA Valorização ocorrerá nos dias 22 e 23 de fevereiro de 2025, no pátio da Torre de TV, com entrada franca. O evento apresentará desde Rock e Sertanejo até Jazz e Eletrônico, com sete shows locais por noite, além de bandas nacionais. A programação será definida por chamamento público.

Festival Temporâneo

*Ao retornar à cena noturna de Brasília para sua segunda temporada, o Temporâneo aposta neste fim de semana em apresentações de ritmos variados que prometem agradar a diferentes públicos. Localizado na AABB, o espaço combina música ao vivo, gastronomia e uma vista especial para o Lago Paranoá. Os ingressos estão disponíveis na bilheteria e antecipadamente no site, com valores a partir de R\$ 40.

PROJETO**Projeto Multicultural**

*Estão abertas as inscrições para a Mostra de Videoclipes do Festival Multicultural de Cinema - Femucine. O evento acontecerá de 19 a 22 de março,



PaGGodin do Léo Santana em Brasília

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Projeto Multicultural de Cinema

no Teatro de Sobradinho, e convoca artistas do Distrito Federal e entorno para fazer parte desta festa. Serão aceitos vídeos produzidos entre 2023 a 2025, com um total de 10 videoclipes sendo selecionados para exibição durante o encontro presencial. As inscrições vão até o dia 25 através do site WWW.FEMUCINE.COM.BR.

Educação astronômica

*De janeiro a abril, Brasília será palco do projeto "Viagem na Via Láctea", uma experiência gratuita que reúne educação, ciência, tecnologia e inclusão. Realizado na área externa do Planetário, o evento promete levar o público de todas as idades a uma jornada pelo sistema solar, unindo realidade virtual, imagens reais da NASA e sustentabilidade.

Divulgação



DBN - Desfile Beleza Negra

Humberto Araujo

Humberto Araujo lança exposição ANDARILHO
Divulgação

Planetário recebe projeto

DBN - Desfile Beleza Negra

*O Liberty Mall se prepara para um evento exclusivo, no dia 17 de janeiro, das 18h às 21h: o lançamento da 2ª edição da revista DBN - Desfile Beleza Negra. A publicação, que traz à tona as questões raciais, a moda afro, o comportamento e a cultura negra, promete surpreender os convidados com um conteúdo visualmente impressionante e repleto de relevância social.

MÚSICA**Jazz Friday Zepelim**

*O Jazz Friday estreia no espaço gastronômico Zepelim, localizado na SHCGN 713, como uma nova referência cultural em Brasília, trazendo apresentações de jazz todas as sex-

Michelle Bartlett



Exposição Asas do Brasil ocupa o Boulevard

Acervo Pessoal / @esmeraarte



Thiago Wesley Electric Trio - Jazz Friday Zepelim

tas-feiras. O projeto busca destacar talentos locais e consagrados, integrando o estilo à cena cultural da cidade. Com curadoria interna, o evento promete surpreender semanalmente os amantes do gênero. Hoje (17), o espaço recebe o talento e a energia do Thiago Wesley Electric Trio, uma das bandas mais criativas da cena jazz atual. Para adquirir ingressos basta acessar o sympla.

Rapper brasileiro LyNDON

*Uma das vozes mais autênticas da cultura urbana no Distrito Federal, o rapper LyNDON lançou nesta semana, o single "INTENTO". Já disponível nas plataformas digitais, a faixa conta com a colaboração do cantor Thiago Jamelão e produção do projeto é de Skeeter Beats.

EXPOSIÇÃO**Exposição Asas do Brasil**

*Até 28 de fevereiro de 2025, o Boulevard Shopping Brasília recebe a exposição Asas do Brasil, da artista plástica Jaqueline Marafon. A mostra reúne cerca de 15 obras que celebram a exuberante fauna brasileira, com foco especial nas aves, como araras, tucanos e outras espécies emblemáticas da nossa biodiversidade. Está disponível para visitação no piso 2, de segunda a sábado, das 10h às 22h. E aos domingos e feriados, das 12h às 22h.

Exposição ANDARILHO

*A exposição ANDARILHO trata da primeira exposição individual presencial do fotógrafo e artista visual Humberto Araujo e conta com a curadoria de Gisele Lima. A exposição apresenta, entre outros trabalhos do artista, sua produção durante a residência artística "Hospitalidade - 5a Edicao" realizada em 2023 no distrito de Olhos d'Água, em Alexânia-GO. A abertura da mostra será na sexta-feira, dia 17 de janeiro de 2025, às 19h, na Galeria Centro de Artes - Vila Telebrasília (ao lado do Espaço Pé Direito). Visitação de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30. Gratuito. Livre para todos os públicos.

O Museu Imaginário no MAB

*Com cerca de 200 obras de arte, a exposição "O Museu Imaginário" é o maior evento do setor acontecendo em Brasília até o próximo dia 21 de janeiro. A mostra comemora os 40 anos do MAB/Museu de Arte de Brasília e abre o ciclo de festejos pelos 65 anos da inauguração da Capital a ocorrer no dia 21 de abril.

Arte na Praça

*De 23 a 26 de janeiro, o Projeto Arte na Praça movimentará o Paranoá com cultura, lazer e economia criativa. Na Praça Central, o evento trará shows musicais, área gastronômica e artesanato. A iniciativa, parceria entre o Instituto Casa da Vila e a Secretaria de Turismo do DF, busca fortalecer a identidade local e atrair visitantes. A programação musical será um dos grandes destaques do evento, com apresentações de artistas regionais reconhecidos por sua diversidade de estilos e alta qualidade sonora. A cada dia, o público poderá desfrutar de performances vibrantes e imersivas.

Ponte pela capoeira

Brasília receberá encontro internacional de capoeiristas Angola

Por Mayariane Castro

O Distrito Federal será sede do 4º Encontro dos Angoleiros do Sertão – Etapa DF, entre os dias 30 de janeiro e 2 de fevereiro de 2025. O evento, de caráter internacional, ocorrerá na Chácara Espaço do Cerrado, localizada no Núcleo Rural Lago Oeste, em Sobradinho, uma região que se destaca pela sua riqueza ecológica e turística. O encontro tem como principal objetivo celebrar a Capoeira Angola, reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, e reforçar seu papel como uma expressão de arte, resistência e transformação social.

Organizado pela Casa de Cultura Têlar, em parceria com a Secretaria de Turismo do Distrito Federal (Setur-DF), o evento integra

a Rota Turística Viva Lago Oeste, uma iniciativa que promove o turismo sustentável e comunitário. Este evento é uma oportunidade para a valorização da diversidade cultural do cerrado, além de contribuir com o fortalecimento da economia local.

Durante os quatro dias, o público poderá participar de uma programação diversificada, composta por oficinas, rodas de conversa, seminários e apresentações culturais. Um dos destaques será as rodas de Capoeira Angola, uma das principais manifestações culturais do encontro, que reunirá capoeiristas de várias partes do Brasil e do mundo. Mestres, contramestres e praticantes de estados como Bahia, Pernambuco, São Paulo, além de convidados internacionais.



Divulgação

Capoeira Angola é patrimônio da humanidade

Intercâmbio e cultura afro, além da luta

Com presença de vários países, evento celebra a ancestralidade

Luiz Cláudio de Oliveira França, conhecido como contramestre Minhoca, um dos organizadores do evento, destacou a importância do encontro para o intercâmbio cultural e a preservação das tradições afro-brasileiras. Segundo ele, a Capoeira Angola vai além da luta corporal, representando uma cultura rica, que se expressa através de dança, música, filosofia e espiritualidade. “Queremos mostrar que a Capoeira Angola é mais do que

luta; é cultura, é história, é resistência. É uma ponte que conecta pessoas, tempos e territórios diferentes”, afirmou Minhoca.

A programação do evento está voltada para a promoção de atividades que integrem práticas culturais, reflexão e celebração da cultura afro-brasileira. Entre as atividades programadas estão aulas de capoeira e samba, rodas de conversa e seminários sobre a importância da capoeira e sobre liderança, além de exposições artísticas.



Divulgação

Encontro contará com representantes internacionais

Além disso, o evento tem uma forte ligação com o conceito de afroturismo, ao destacar a contribuição das tradições afro-brasileiras para a formação da identidade cultural do cerrado. As atividades programadas não apenas celebram a Capoeira Angola, mas também evidenciam outras manifestações culturais afro-brasileiras que têm forte

presença na região.

A promoção do afroturismo também resulta em benefícios econômicos para a comunidade local. Durante o evento, pequenos produtores, pousadas e restaurantes da região terão a oportunidade de apresentar seus produtos e serviços a um público diversificado, gerando assim uma fonte de renda para a popu-

lação. A realização do evento no Núcleo Rural Lago Oeste também é uma forma de incentivar o turismo sustentável, que respeita as tradições e a preservação ambiental do cerrado.

Ao Correio da Manhã, o contramestre Minhoca comentou sobre o impacto social da Capoeira Angola, afirmando que, mais do que preservar a ancestralidade, a prática da Capoeira inspira as novas gerações a reconhecerem a força de sua identidade cultural e a importância da coletividade. “Por meio da Capoeira Angola, não apenas preservamos nossa ancestralidade, mas também inspiramos novas gerações a reconhecerem a força de sua identidade cultural e a importância da coletividade”, declarou.

A programação do evento também prevê apresentações culturais que permitem aos participantes vivenciar outras formas de expressão da cultura afro-brasileira.

Barbatuque,
mais que só um
jeito de corpo

PÁGINA 5



2025 começa
com pagode de
Léo Santana

PÁGINAS 8 E 9



Ponte para o
mundo pela
capoeira

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Certa manhã gravei um álbum e tanto

Otto retorna ao Rio com show da turnê de 15 anos de um de seus discos mais emblemáticos

Por Affonso Nunes

Após rodar o país celebrando os 15 anos do antológico álbum “Certa Manhã Acordei de Sonhos Intranquilos”, Otto está de volta ao Circo Voador para a despedida carioca da turnê. Em 2009, o multifacetado artista pernambucano lançava uma obra-prima. As dores de um período pessoal turbulento marcado pelo término do casamento com a atriz Alessandra Negrini, o rompimento com empresários e a gravadora Trama, além da morte de sua mãe, foram canalizadas num disco visceral.

“Cada busca minha, um dia eu estava pensando, tem um porquê. Nunca é solto, sabe. Foi um momento bem forte, porque eu perdi mãe, me separei... É um disco que mexeu muito com as pessoas, mexe muito. Como o amor pega, né?”, disse Otto em entrevista ao portal Noize.

O título do quarto trabalho de estúdio do músico foi inspirado na primeira frase do clássico literário de Kafka, “A Metamorfose”,



Em paz consigo mesmo, Otto resgata o repertório de um de seus álbuns mais representativos e concebido durante período turbulento

Divulgação



Divulgação

em que um homem desperta na condição de uma barata. O disco carimbou passaporte com inúmeras citações como um dos melhores álbuns daquele ano.

Com um lirismo visceral, o disco converteu em poesia os lamentos de dor e desabafos pessoais do artista. Algumas canções deste álbum potente tornaram-se obrigatórias em quaisquer apresentações do músico como “Crua”, “Janaína”, “6 Minutos” e “Filha”. Não limitando o setlist às faixas deste trabalho, Otto vai passear por 30 anos de uma obra respeitável.

O pianista Jefferson Placido abre a noite, mostrando sua sonoridade única que mistura jazz, samba, soul e funk carioca. Criativo, Placido chamou atenção com “Música Clássica do Subúrbio”, seu primeiro álbum lançado em 2022, onde mostra que o Jazz, muitas vezes associado à uma música elitista, na verdade, é uma música livre e altamente democrática.

Antes e depois dos shows, o DJ Digital Mandinga apresenta set conectando grooves eletrônicos e música regional brasileira.

SERVIÇO

OTTO | 15 ANOS DE CERTA MANHÃ ACORDEI DE SONHOS INTRANQUILOS
17/1, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)